

REVISTA

das BIBLIOTECAS
NOVA FCSH



ÍNDICE

N.º 1 / primavera 2025 4

Direção: Amélia Aguiar Andrade (Diretora das Bibliotecas da NOVA FCSH)

Produção: Mariana Alves Pereira (Divisão de Bibliotecas e Documentação)

Grafismo: Marcel Paiva do Monte (Divisão de Bibliotecas e Documentação)

bibliotecas@fcsch.unl.pt

EDITORIAL

A primeira edição da Revista das Bibliotecas NOVA FCSH conta com uma mensagem da Professora Amélia Aguiar Andrade, Diretora das Bibliotecas da NOVA FCSH

6 NOVA SALA DE LEITURA

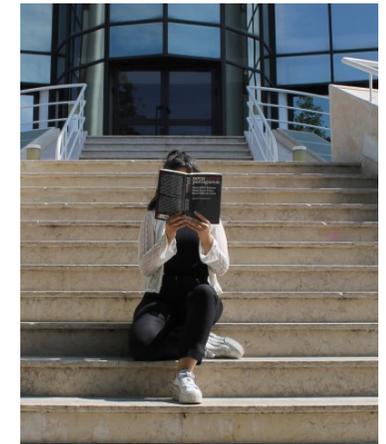
Sugestões de Leitura do Diretor da NOVA FCSH, Professor Luís Baptista, da psicóloga da faculdade, Olga Cunha e da aluna de licenciatura Victoria Rosca

10 REFERÊNCIAS

No mês de abril as Bibliotecas realizam novas sessões de formação para a comunidade da NOVA FCSH

12 FORA DA ESTANTE

A catedral de Notre-Dame de Paris, reaberta recentemente após restauros, é o tema para explorar recursos digitais das Bibliotecas



16 EXPOSIÇÕES

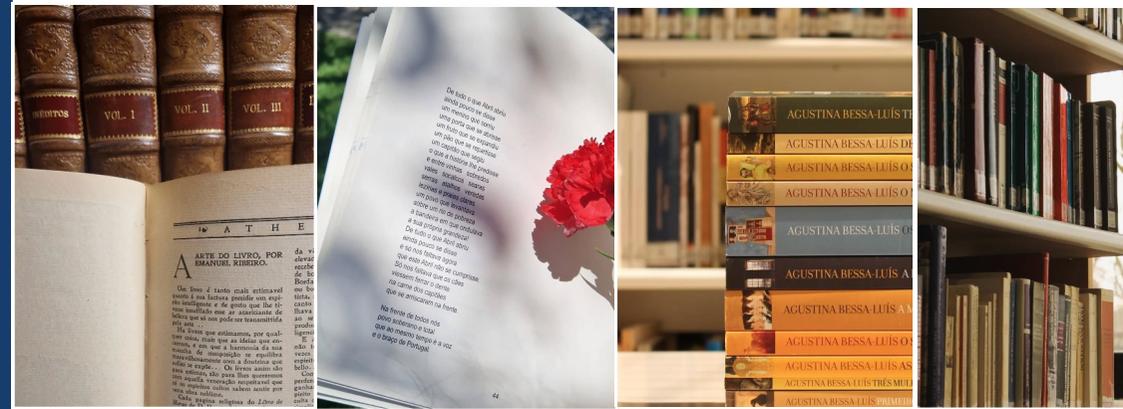
Os 200 anos do nascimento de Camilo Castelo Branco são assinalados com uma mostra bibliográfica e um texto do Professor Abel Barros Baptista

18 CLUBE DE LEITURA

Depois da liberdade individual, assinala-se o Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor com um debate sobre liberdade de expressão



Subscreva a Revista das Bibliotecas NOVA FCSH [aqui](#)





Amélia Aguiar Andrade

**Diretora das Bibliotecas
da NOVA FCSH**

Nos dias de hoje, uma biblioteca universitária não é apenas um local onde se acumulam livros que podem ser lidos, num ambiente onde predomina o silêncio, por um número de leitores que depende das condições materiais do edifício que a alberga. As novas tecnologias, que permitem o acesso aberto à produção científica de conhecimento, ampliam a dimensão de uma biblioteca que ganha novos públicos, ultrapassando os muros das universidades e chegando assim até à sociedade envolvente numa escala antes inimaginável.

E as bibliotecas universitárias do século XXI pretendem assumir-se ainda como espaços de mediação entre os seus leitores e os conteúdos que disponibilizam quer estes sejam em material livro quer digitais. Contando com a competência dos seus técnicos, fornecem programas de formação, participam em projetos de inovação e promovem atividades culturais que dinamizem e promovam a leitura. É o que têm vindo a fazer as Bibliotecas da NOVA FCSH através das suas exposições bibliográficas, da sua presença nas redes sociais e do seu Clube de Leitura e do seu cada vez mais diverso programa de formação de leitores.

A Revista das Bibliotecas da NOVA FCSH que agora se disponibiliza com periodicidade trimestral, pretende ser mais um elemento de ligação entre a comunidade NOVA FCSH e as suas bibliotecas. Disponibilizando informação sobre as iniciativas desenvolvidas e a desenvolver, comentando livros, alertando para temas e livros, proporcionando a participação dos leitores. A equipa que pensou e desenvolveu esta *Revista* vai considerar que atingiu os objetivos pretendidos se ela for lida e merecer os comentários, sugestões, críticas e participações dos seus leitores.

“As bibliotecas universitárias do século XXI pretendem assumir-se ainda como espaços de mediação entre os seus leitores e os conteúdos que disponibilizam quer estes sejam em material livro quer digitais”

NOVA SALA *de leitura*

Por onde começar? Somos o que lemos?

Num tempo em que discutimos o futuro do livro em suporte papel, ou ainda com mais preocupação, em que discutimos o futuro da leitura, é essencial estimular os mais jovens a ler. Porque a capacidade de concentração deve muito à leitura, porque a informação digerida com tempo estimula a reflexão crítica, porque o livro, essa boa companhia, está aí fisicamente à nossa espera, acompanhando-nos nos movimentos diários, sem pressas, sem pedidos de actualização.

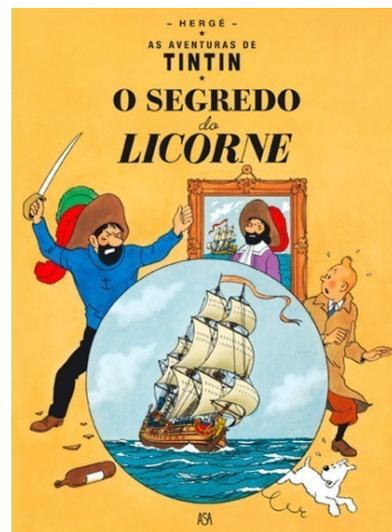
É claro que o conteúdo de cada livro é determinante, mas o simples facto de nos dirigirmos à estante dos livros, a curiosidade acerca do que um título revela, é o princípio de tudo.

E então por onde começar?



Luís Baptista

Diretor da NOVA FCSH

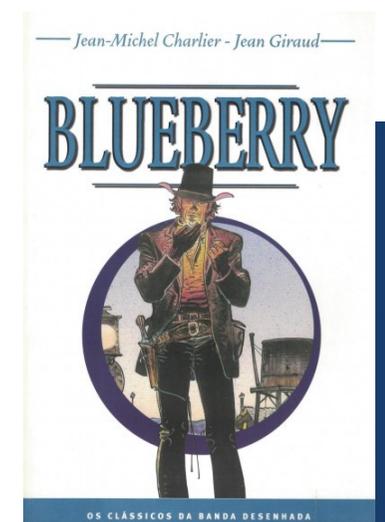
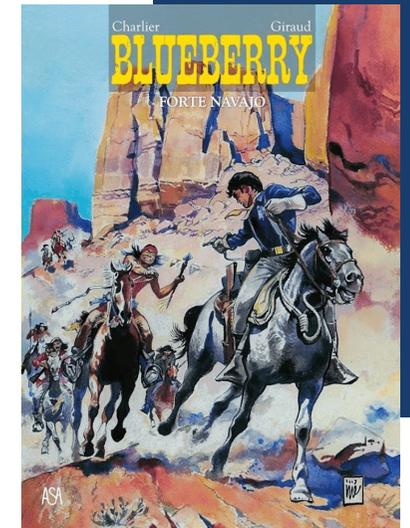


Prefiro não me reter num livro em particular, o que me colocaria a questão de optar por um livro científico, um livro de ficção, um ensaio ou um texto de qualquer outra categoria. Parece-me mais interessante seguir pelo caminho por onde cheguei ao prazer de ler. Foi através da Banda Desenhada, leitura pouco valorizada, mas tão fortemente formativa. Aconteceu na primeira metade dos anos 70 quando conheci a revista semanal Tintin que muitos da minha geração compravam ansiosamente aos sábados de cada semana.

A leitura da revista abria-nos ao mundo fantástico da criação artística com histórias dentro. A espera pelos quadradinhos da semana seguinte, para mergulhar na continuação da história, levava-nos a uma exaltação na hora de receber o novo exemplar, hoje incompreensível no tempo da instantaneidade. Era um modo de motivar a imaginação em doses semanais.

De todos os heróis que passaram por essas páginas, houve um que mais me impressionou: o Tenente Blueberry, criado por Charlier e Giraud.

Talvez pelo seu lado de anti-herói num Oeste Americano sem regras, talvez pelas suas extraordinárias aventuras em situações extremas, que o obrigavam a decidir das formas mais inesperadas, mas sobretudo por sempre orientar a sua conduta pela coragem, a lealdade e o sentido de justiça. Invariavelmente parecia-me que ele resolvia todos os assuntos do melhor modo. Talvez não seja bem assim, mas a marca que deixou em mim, faz-me pensar que essa leitura de algum modo me formatou, ou seja, faz-me pensar que sou um pouco o que li.



NOVA SALA *de leitura*

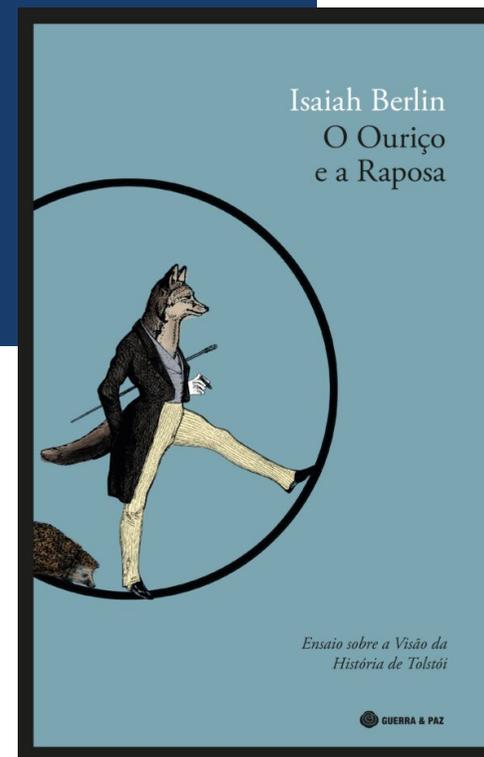
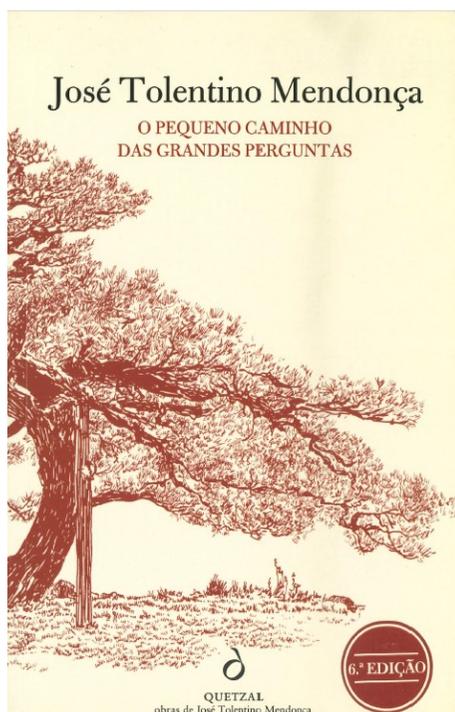
O PEQUENO CAMINHO DAS GRANDES PERGUNTAS

José Tolentino Mendonça

Este livro convida-nos a abrandar e a refletir sobre diversas questões profundas da vida, da existência e do sentido. Num tempo em que tudo parece ser vivido de forma voraz, no livro, com uma linguagem acessível e sobretudo envolvente, são explorados pelo autor temas intemporais como o amor, a morte, a felicidade e a liberdade, estimulando o pensamento crítico e a procura de respostas para as grandes questões da humanidade.



Olga Cunha



O OURIÇO E A RAPOSA

Isaiah Berlin



Victoria Rosca

Aluna de Licenciatura

NOVA FCSH

“A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma coisa muito importante” – eis a citação de Arquíloco que inicia o ensaio. A dicotomia é absoluta: os ouriços são os monistas e as raposas são os pluralistas. Mas onde iria incluir Tolstói? Na verdade, Berlin não contribui apenas para a ‘filosofia enquanto disciplina’ através de uma exposição crítica de várias problemáticas tolstoianas. O opúsculo é também um diálogo direto com o leitor, uma ‘filosofia enquanto forma de viver’, que nos impele a cogitar: serei – ou pretendo ser - uma raposa ou um ouriço? Cabe a cada um refletir sobre isto. Ainda, Berlin oferece algumas respostas sobre Tolstói (e ele próprio) – e só por isso, vale a pena ler esta centena de páginas.

Envie as suas sugestões de leitura para bibliotecas@fcsb.unl.pt

REFERÊNCIA(S)



FORMAÇÕES

COMO PESQUISAR LIVROS E ARTIGOS

Autonomia na pesquisa em catálogos bibliográficos e em bases de dados, através do NOVA Discovery – agregador de conteúdos da Universidade Nova de Lisboa.

COMO FAZER UMA BIBLIOGRAFIA

Conhecimentos para uma correta utilização dos gestores bibliográficos Zotero e Mendeley, que permitem recolher e organizar bibliografia.

LITERACIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ferramentas e o seu potencial para os estudantes, fazendo a ligação aos conceitos fundamentais da integridade académica e promovendo um comportamento responsável na sua utilização.

ACESSO ABERTO EM TESES E DISSERTAÇÕES

Informação relativa ao acesso aberto e de como este conceito influencia a organização da sua tese ou dissertação no que concerne ao uso de dados pessoais e sensíveis.

COMO FAZER APRESENTAÇÕES

Apresentação das principais funcionalidades do *Canva* para apresentação de trabalhos académicos.

COMO EVITAR O PLÁGIO

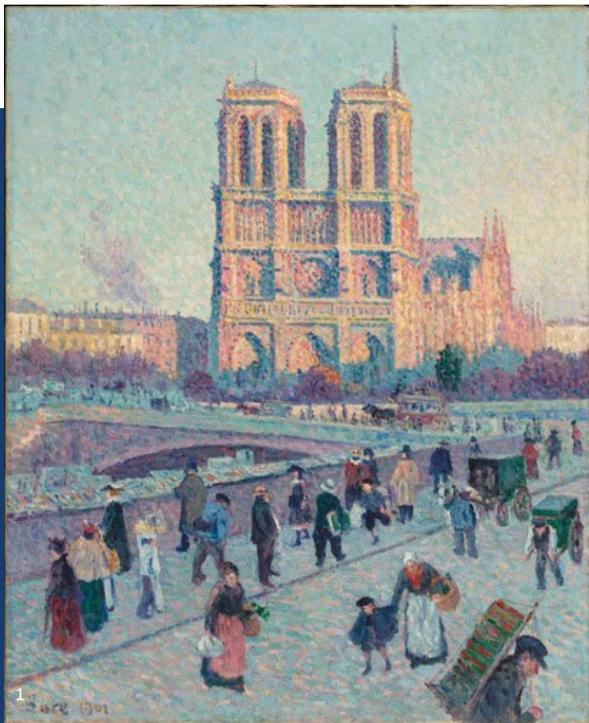
Sensibilização sobre o que é o plágio e fornecer ferramentas para o combate ao mesmo.

Inscriva-se!

As sessões de formação decorrem online e presencialmente, na Av. de Berna, durante os meses de abril e maio.

FORA DA ESTANTE

Catedral Notre-Dame de Paris: a vasta sinfonia de pedra



Desde o século XII que a Catedral de Notre-Dame marca a paisagem de Paris e, desde o século XVIII, a literatura, pela mão de Victor Hugo. Sob as suas abóbadas decorreu a coroação de Napoleão Bonaparte enquanto imperador e foi até celeiro durante a Revolução Francesa. Os seus sinos, guardados por Quasimodo na ficção, ecoaram na cidade em 1944, com a libertação de Paris da ocupação nazi e voltaram a tocar em 2024, na reabertura da catedral após o restauro dos danos do incêndio de 2019, motivo para a descobrirmos através dos recursos digitais das Bibliotecas NOVA FCSH.



“Foi o tempo que espalhou sobre a fachada esta escura cor dos séculos que faz da antiguidade dos monumentos a idade da sua beleza”

Victor Hugo, *Notre-Dame de Paris*

ARTIGOS CIENTÍFICOS



NOTRE-DAME DE PARIS: THE FIRST IRON LADY? ARCHAEOMETALLURGICAL STUDY AND DATING OF THE PARISIAN CATHEDRAL IRON REINFORCEMENTS

Maxime L'Héritier, Aurélia Azéma, Delphine Syvilay, Emmanuelle Delqué-Kolic, Lucile Beck, Ivan Guillot, Mathilde Bernard, Philippe Dillmann

PLoS ONE, 17 (3), 2023

CRAFTING EXCEPTIONALITY. NOTRE DAME DE PARIS: BETWEEN MATERIALITY AND SACRALITY

Jean-Christophe Monferran, Gaspard Salatko, Claudie Voisenat

Journal of Cultural Heritage, Janeiro/Feveireiro 2024

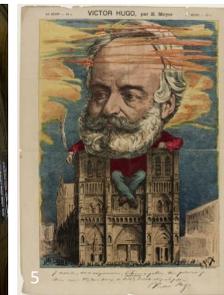
NUESTRA SEÑORA DE PARÍS, DE VICTOR HUGO: SU INFLUENCIA SOBRE LA PERCEPCIÓN DEL TEATRO MEDIEVAL EN EL CINE

Angélica García-Manso, Francisco Javier Tovar Paz

Trasvases Entre la Literatura y el Cine, 4, 2022



4



5

Disponíveis na NOVA Discovery

Se o restauro decorrente do incêndio de 2019 não foi um momento único na história da Notre-Dame, foi dos que melhor permitiu conhecer o “esqueleto de pedra” e a “floresta” da catedral, através das investigações realizadas por equipas multidisciplinares, cujos resultados estão acessíveis através da [NOVA Discovery](#).



NAMING, RELOCATING AND DATING THE WOODS OF NOTRE-DAME "FOREST", FIRST RESULTS BASED ON COLLATED DATA AND ARCHAEOLOGICAL SURVEYS OF THE REMAINS

Clara Penagos, Olivier Girardclos, Jean-Yves Hunot, Chloé Martin, Kévin Jacquot, Isabelle Cao, Michel Lemoine, Benoît Brossier, Catherine Lavier, Sylvie Coubray, Alexa Dufraisse

Journal of Cultural Heritage, 65, 2024

FACETING THE POST-DISASTER BUILT HERITAGE RECONSTRUCTION PROCESS WITHIN THE DIGITAL TWIN FRAMEWORK FOR NOTRE-DAME DE PARIS

Antoine Gros, Anais Guillem, Livio De Luca, Élise Baillieul, Benoit Duvocelle, Olivier Malavergne, Lise Leroux, Thierry Zimmer

Scientific Reports, 13 (1), 2023

IMPROVING THE CHRONOLOGICAL SORTING OF IMAGES THROUGH OCCLUSION: A STUDY ON THE NOTRE-DAME CATHEDRAL FIRE

Rafael Pacilha, Fernando A. Andalo, Anderson Rocha

ICASSP 2020 - 2020 IEEE International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing



THE POSITION OF GOTHIC ORGANS IN NOTRE-DAME DE PARIS: AN ARCHEOACOUSTIC SIMULATION STUDY

C. d'Alessandro, E. K. Canfield-Dafilou, S. S. Mullins, B. F. G. Katz

Applied Acoustics, 213, 2025

OF STONE AND MORTAR. STUDYING NOTRE-DAME CATHEDRAL'S CORE MATERIALS

Yves Gallet

Journal of Cultural Heritage, 65, 2024

LISTEN: NOTRE DAME BELLS ARE RINGING FOR FIRST TIME SINCE 2019 FIRE

Suzanne Rowan Kelleher

Forbes, 11/8/2024

NOTRE-DAME DE PARIS AS A VALIDATION CASE TO IMPROVE FIRE SAFETY MODELING IN HISTORIC BUILDINGS

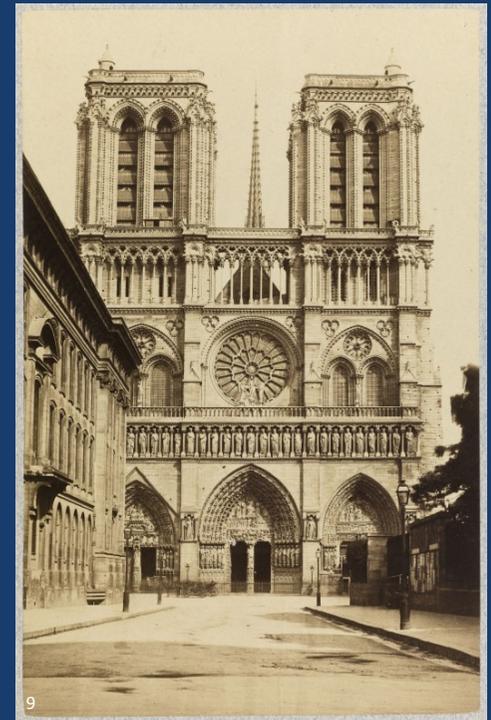
A. Guibaud, J.-C. Mindeguia, A. Albuérne, T. Parent, J. Torero

Journal of Cultural Heritage, 65, 2024

THE RESTORATION AND RECONSTRUCTION OF NOTRE-DAME OF PARIS: A TEST FOR THE PROFESSION

Francesco Bandarin

Journal of Historic Preservation, History, Theory, and Criticism, 17 (1), 2020



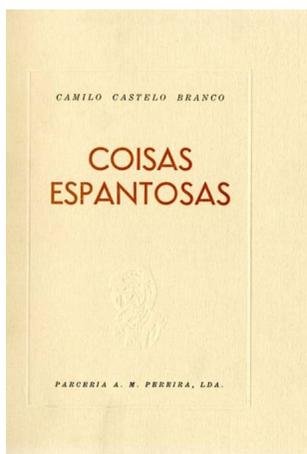
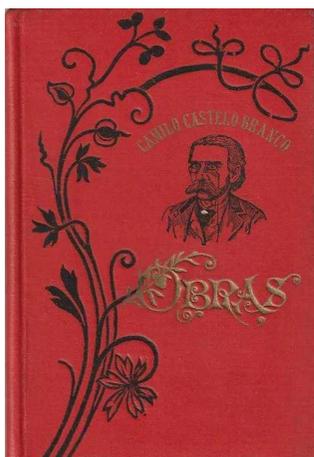
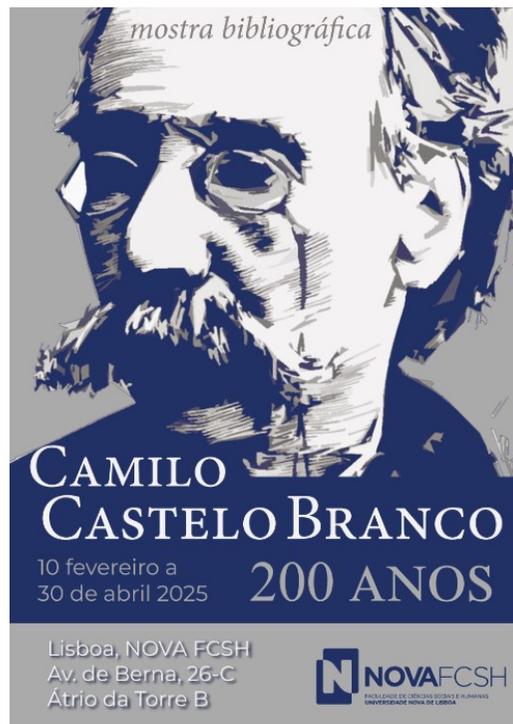
Legenda das imagens

- 1: “Le Quai Saint-Michel et Notre-Dame” de Maximilien Luce. 1901.
- 2: Vue du parvis de Notre-Dame, vers 1835”. Pintura atribuída a Domenico Ferri.
- 3: “Peintures murales des chapelles de Notre-Dame de Paris”, por Maurice Ouradou.
- 4: Vista do teto da Catedral Notre-Dame de Paris, 29 de novembro de 2025. Fotografia de Sarah Meysonnier/Reuters.
- 5: “Le Géant, 1ere année, N°10, 26 avril 1868”, Henri Meyer. Estampa com ilustração de Vítor Hugo.
- 6: “Notre Dame de Paris/(Face latérale)”. Estampa de Edouard Baldus.
- 7: “Façade méridionale de Notre Dame de Paris”. Estampa de autor anónimo.
- 8: “Façade méridionale de Notre Dame de Paris”. Estampa de autor anónimo. Século XIX.
- 9: “Façade de la cathédrale Notre-Dame, 4ème arrondissement, Paris”. Fotografia de autor anónimo. Século XIX/XX.

CAMILO CASTELO BRANCO 200 ANOS

mostra bibliográfica
10 de fev. — 30 de abril
Av. de Berna

[Exposições das Bibliotecas
da NOVA FCSH](#)



O PRIMEIRO ROMANCISTA PORTUGUÊS

Numa carta ao editor António Maria Pereira, datada de 1862, Camilo escrevia estas palavras lastimosas: “Vexo-me de estar pobre, e de ser a irrisão dos que me chamam primeiro romancista como ao Cristo chamavam rei da Judeia. É uma ironia honorífica.” A lamentação envolve dinheiro: remuneração do trabalho de escrita. É sabido que Camilo foi o primeiro escritor português a viver da escrita, o que em parte explica a sua extensa obra, também das mais variadas em géneros e modalidades de publicação. Mas aquelas palavras mostram também que, naquele momento - com apenas 37 anos -, Camilo beneficiava já de grande prestígio literário. Chamarem-lhe alguns o primeiro romancista era sinal da percepção de que Camilo introduzira já na literatura portuguesa coisa de grande monta: nada menos do que o romance moderno.

De facto, ser o primeiro escritor a viver das letras é significativo por se tratar de um romancista que, praticamente sozinho, impôs o romance como género dominante no espaço literário português e caracterizou a especificidade da figura do romancista: no romanesco de Camilo, romancista e personagens habitam o mesmo mundo, porque esse mundo é definido como um mundo em que coexistem os romances e o romancista, cujo ofício é escrevê-los. Desse ofício, Camilo ressalta a competência de escrita e imaginação, mas também a ideia crucial de que o romance não é um género entre outros, mas o género caracterizado pela liberdade e pela dimensão pública democrática. Camilo repetiu muitas vezes que os seus romances não tinham nenhum intuito de moralizar ou de melhorar o mundo. Esse desígnio moralizador, nunca o considerou fonte de legitimidade das ficções que expedia a bom ritmo para quem as quisesse ler: caberia aos leitores a responsabilidade de fazer com elas o que entendessem.

Por outro lado, Camilo nunca deixou de enfrentar a brutalidade do mundo, intransigente com a estupidez e a ignorância, intolerante com a arrogância dos poderes e a violência. Obras como Amor de Perdição, A Queda dum Anjo, Novelas do Minho ou A Brasileira de Prazins, entre tantas, são testemunho eficiente e impressionante dessa face de Camilo frequentemente ignorada. São também do mais valioso que a literatura portuguesa de Oitocentos nos legou.

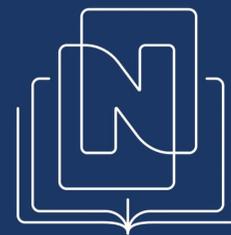


Abel Barros Baptista
Professor da NOVA FCSH

Primeira Carta I

“Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objecto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício.”

Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, Novas Cartas Portuguesas, p. 3



CLUBE DE LEITURA
DAS BIBLIOTECAS
DA NOVA FCSH

PRÓXIMA SESSÃO

23 DE ABRIL DE 2025

O tema proposto para abril é a liberdade de expressão através da leitura das Novas Cartas Portuguesas, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Publicado em 1972, este livro escrito a três mãos tornou-se uma obra fundamental na história do século XX, não só por estabelecer uma evolução no pensamento feminista em Portugal mas, também, pelo seu percurso no regime censório do Estado Novo.

N O V A S
C A R T A S
P O R T U G U E S A S

MARIA ISABEL BARRENO
MARIA TERESA HORTA
MARIA VELHO DA COSTA

EDIÇÃO COMEMORATIVA 50 ANOS



INSCREVA-SE!

O Clube de Leitura das Bibliotecas da NOVA FCSH tem como objetivo realizar uma série de encontros, cada um subordinado a uma temática diferente, onde é sugerido um livro, a sua leitura e posterior debate.



Biblioteca Mário Sottomayor Cardia

Campus da Av. de Berna, Torre B, 1.º Piso



Biblioteca Vítorino Magalhães Godinho

Campus de Campolide, Colégio



fcsch.unl.pt/faculdade/bibliotecas/



[@bibliotecasnovafcsch](https://www.instagram.com/bibliotecasnovafcsch)



bibliotecas@fcsch.unl.pt

